



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ
COLEGIADO DE LICENCIATURA INTERCULTURAL INDÍGENA

EDINEUZA MIRANDA NUNES

A CONTAGEM DO TEMPO DOS GALIBI-MARWORNO DA ALDEIA
KUMARUMÃ

OIAPOQUE – AP
2016

EDINEUZA MIRANDA NUNES

A CONTAGEM DO TEMPO DOS GALIBI-MARWORNO DA ALDEIA
KUMARUMÃ

OIAPOQUE-AP
2016

EDINEUZA MIRANDA NUNES

A CONTAGEM DO TEMPO DOS GALIBI-MARWORNO DA ALDEIA
KUMARUMÃ

Trabalho apresentado em banca de
examinação como pré-requisito para
obtenção do título de graduada em
Licenciatura Intercultural Indígena, com
habilitação em Ciências Humanas, pela
Universidade Federal do Amapá.

Data da defesa: 02 de setembro de 2016

Banca Examinadora:

Prof. Tadeu Lopes Machado

Orientador (UNIFAP): _____

Profª. Claudiane de Menezes Ramos

Membro (UNIFAP): _____

Profª. Rosilene Cruz de Araújo

Membro (UNIFAP): _____

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho à minha família que sempre esteve presente ao meu lado, minha mãe Odília Miranda, meu pai Devaldo Nunes que são fontes do meu fortalecimento, que sempre permaneceram ao longo dessa jornada como também dedico a outros membros da minha família.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço a Deus por tudo que ele tem feito na minha vida e a quem devo a minha vida.

À Universidade Federal do Amapá – *Campus* Oiapoque – por atender os Povos Indígenas do Amapá e norte do Pará e oferecer esse espaço onde pude realizar um primeiro sonho que eu tenho em minha vida, o de concluir minha formação em Ciências Humanas.

À minha família, principalmente o meu pai e minha mãe que sempre me apoiaram nos estudos e nas escolhas tomadas.

Aos meus irmãos por sempre me incentivarem e compreenderem nos momentos difíceis.

Ao meu orientador, professor Tadeu Lopes Machado, que teve papel fundamental na elaboração deste trabalho.

Às pessoas que contribuíram nas entrevistas e informações importantes para a elaboração do meu trabalho.

E a todos os professores que fazem parte da Licenciatura Intercultural Indígena, que foram fundamentais para a minha formação em nível superior.

A CONTAGEM DO TEMPO DOS GALIBI-MARWORNO DA ALDEIA KUMARUMÃ

RESUMO

Este artigo é uma proposta de tentar instrumentalizar os conhecimentos tradicionais a respeito da contagem do tempo no Kumarumã, aldeia indígena pertencente ao povo Galibi-Marworno. Dessa forma, pretendo demonstrar o conhecimento tradicional que se encontra ainda bastante difundido entre os indígenas dessa aldeia, mas que também apresenta uma tendência de desaceleração do ensinamento desses conhecimentos. Assim sendo, essa pesquisa procura organizar sistematicamente relatos orais de pessoas mais idosas da aldeia, com o propósito de articular esse conhecimento para o bem da história, memória e riqueza desse povo indígena.

Palavras chave: Contagem do tempo. Conhecimento tradicional. Galibi-Marworno.

HESUM

Sa thavai-la li kaofhui i ka tãtepasekonetmãthadisional a héspékdjikumã no kakalkilesezôdjitã-la, laKumãhumãkoteêdjedjipov Galibi-Marworno. Dji as fomlamokatãtemõthekonetmãthadjsional ki tujukafêphuezãs lada as kote-la, mê ã memtã li kaphuezãtekumãbomosomundjikote-la, kumã Jon mun-ielapakatãtepaseãkosaijóhmasiõ-la. Akõsa as pexkiz-lakasaseohganizê lada sistemdjikozedjighãmun-iela lada kote-lake un obijetivdjihasãble as ifohmasiõ, konétmãpubiêdji no ixtuá, no memua i hixézdji sa povedje-la, pov Galibi-Marworno.

Pahól lakle: Make tã-la. Konétmãthadisional. Galibi-Marwono.

SUMÁRIO

Resumo

Sumário

1. Introdução	05
2. O povo indígena Galibi-Marworno	06
2.1 Localização dos Galibi-Marworno	06
2.2 Atividades de subsistência, comércio, religião e festas no Kumarumã	08
3. A contagem do tempo	11
3.1. A contagem do tempo dos Galibi-Marworno na aldeia Kumarumã ..	13
4. Considerações finais	20
Fontes orais	20
Fontes bibliográficas	21

1. Introdução

Esse trabalho foi pensado com a possibilidade de colocar em ênfase os conhecimentos tradicionais dos Galibi-Marworno da aldeia Kumarumã referente a forma de contagem do tempo. Para esse povo indígena, assim como também é comum para outros grupos ameríndios, a localização tempo-espço é compreensível a partir da manifestação de alguns fenômenos da natureza, de animais, de plantas, da chegada da chuva, do sol, da fase da lua, etc. Assim, a organização da vida social e outras formas de se organizar passam a ser regulamentados a partir da manifestação ou não desses fenômenos.

Esse trabalho foi pensado por mim com muita atenção na escolha do tema. Há uma séria preocupação com as perdas dos conhecimentos tradicionais entre Galibi-Marworno na aldeia Kumarumã. E pensando nisso, meu trabalho foi elaborado com informações coletadas a partir das entrevistas das pessoas mais idosas dessa comunidade e na observação das atividades que são realizadas na comunidade no dia-a-dia das pessoas, pois sabemos que antigamente esses anciões contavam o tempo de forma diferente do dia de hoje, devido à maneira como cada povo tem de contar o tempo perpassando as horas, os dias, as noites, semanas, meses e estações.

Nos dias atuais a forma como é contado o tempo é através do relógio, calendário, celular e outros. Está se deixando de utilizar a forma tradicional devido à forte presença da tecnologia nas sociedades indígenas. Mas há que se reconhecer também, por outro lado, que o conhecimento da diversidade tecnológica existente no mundo é algo importante para o mundo indígena.

Essa pesquisa foi conduzida também por minha curiosidade em conhecer como era antes a contagem do tempo entre os Galibi-Marworno e porque hoje é diferente. Dessa forma, os saberes tradicionais que ainda estão presentes dentro da minha comunidade motivaram-me para entender a importância desse tema, além de procurar saber o porquê da perda dos conhecimentos tradicionais dos Galibi-Marworno a respeito desse assunto, procurando trabalhar no sentido de resgatar as informações desse tema e poder levar para a minha comunidade os resultados apurados na pesquisa, com a função de mostrar e repassar na escola para os alunos indígenas da aldeia Kumarumã.

Este trabalho está organizado em três partes que apresentam a trajetória da pesquisa na descrição dos povos indígena Galibi-Marworno. As reflexões sobre a

contagem do tempo, os métodos da pesquisa, as reflexões dos conhecimentos de outros grupos indígenas e as considerações finais com os resultados dos depoimentos e entrevistas coletados em campo.

Na primeira parte apresento a população indígena Galibi-Marworno no processo de sua localização, a expansão demográfica, o seu modo de vida, as atividades de subsistência e comercial interna e externa, a cultura, seus problemas sociais enfrentados.

A segunda parte procura apresentar discussões que proporcionam reflexões mais teóricas sobre o conceito “contagem do tempo” baseado nas idéias de alguns autores como Germano Afonso (2004), Vanilda Alves Da Silva (2006) e João Severino Filho (2010). Esses autores possibilitam visões, olhares de modos diferentes na compreensão sobre o “tempo”.

Por fim, a última parte foi organizada na interpretação de dados coletados nas entrevistas realizadas na aldeia Kumarumã, procurando esclarecer noções de contagem do tempo específico dos Galibi-Marworno.

2. O povo indígena Galibi-Marworno

O povo Galibi-Marworno é uma população de mestiçagem de povos diferentes como os Aruaques, Maraone, Aruã e Galibi que se encontraram na região do Uaçá, ou seja, povos refugiados de locais distantes como das missões, e também por invasão de seus locais onde viviam.

No estado do Amapá, na região do município de Oiapoque, vivem quatro grupos indígenas de etnias diferentes, são eles Galibi-Marworno, Karipuna, Palikur e Galibi do Oiapoque. Cada povo com suas histórias, principalmente o contato. Esses quatro povos habitam nas Terras Indígenas Uaçá, Juminã e Galibi, todas devidamente demarcadas e homologadas (VIDAL, 2001).

2.1 A Localização dos Galibi-Marworno

A grande concentração da população Galibi-Marworno está na aldeia Kumarumã, Terra Indígena Uaçá, localizada no extremo norte do Estado do Amapá. Nela está situado o rio Uaçá, afluente do rio Oiapoque. Este último dá acesso para as aldeias desses povos e também estabelece o limite da fronteira entre Brasil e a Guiana Francesa.

A aldeia Kumarumã está localizada na margem esquerda do rio Uaçá. Atualmente sua população é de aproximadamente 2.500 (duas mil e quinhentas) pessoas, ou seja, cerca de 400 famílias. Falantes da língua kheuól, esta é uma mistura de línguas do crioulo da Guiana, Galibi e também outras línguas, mas na atualidade o kheuól é considerado pelos Galibi-Marworno como sua língua materna. A língua usada pelos antigos é chamada de Galibi, mas hoje é utilizada principalmente no ritual do turé, sendo utilizadas algumas palavras no dia-a-dia dessa população. O português é a segunda língua para os Galibi-Marworno e dentro da comunidade de Kumarumã algumas famílias utilizam o português diariamente.¹

Segundo o depoimento do senhor Emiliano Narciso, morador da aldeia Kumarumã, os Galibi-Marworno viviam espalhado sem ilhas nas margens do alto rio Uaçá e em outros locais. Hoje, cada localidade ou ilha tem um nome registrado através desses primeiros moradores ou habitantes. Essas localidades hoje são consideradas retiros e aldeias pelos seus descendentes cujo nome dessas vilas ou local são: Zile Pós, Vie Vil, Urusu, Mahipá, Mapapwen, Biskót, Manaú, Ahãpuk, Kalêbe, Pom, Uahaku, Uruku, Djiab, Dolohik, Manezin, Tõ, Takaka, Okô, Ghã Ban Sab e Tapamúhu.

Com a chegada do SPI (Serviço de Proteção aos Índios) na região do Oiapoque, logo nas primeiras décadas do século XX, houve um processo de convencimento dos indígenas para se concentrarem em uma única aldeia, a qual foi denominada inicialmente Vila Santa Maria, atualmente chamada de aldeia Kumarumã. Contudo, o que mais motivou também foi à chegada da educação escolar na aldeia para o ingresso obrigatório das crianças na escola, sob o comando do capitão Camilo Narciso, grande líder muito respeitado pela comunidade nessa época. Então a partir dos anos 1940 várias famílias passaram a se concentrar em uma única aldeia, Kumarumã. Isso fez com que esse povo unisse força, juntamente com os demais povos indígenas da região, para lutar atrás de seus direitos, principalmente na luta de sua terra.

Nesse tempo esse povo não tinha uma identificação concreta a respeito de seu etnônimo. Costumavam se autodenominar *Uaçauara ou mun Uaçá*. Depois dessa grande união em um só local, passaram a se identificar como Galibi-Marworno, o que também contou com a ajuda do CIMI (Conselho Indigenista Missionário).

Com o passar dos anos os Galibi-Marworno se tornavam mais participativos juntos com os outros povos indígenas, como os Karipuna, Palikur e Galibi Kaliña,

¹ Conferir: <https://pib.sociambiental.org>, acessado em 28 de junho de 2016.

dando início na organização, mobilização e movimento indígena, incentivando a realização de assembleias anuais, discussões, decisões objetivas e encaminhamentos coletivos que passaram a levar para os representantes em específico do Estado, em nome desses povos indígenas do Oiapoque.

A partir dos anos 1992, com a determinação de se organizar, os povos indígenas do Oiapoque criaram a APIO (Associação dos Povos Indígenas do Oiapoque), ou seja, uma forma de representação através da autonomia majoritária desses povos da região de Oiapoque em busca de recursos, encaminhamento de projetos, dentre outros, para a melhoria das comunidades indígenas. No ano de 2002 na organização interna e esforço dos Galibi-Marworno foi criada a AGM – Associação Galibi Marworno; em 2005, a OPIMO – Organização dos Professores Indígenas; em seguida também surgiu a AMIM – Associação das Mulheres Indígenas em Mutirão e a CRPIO – Comissão de representantes dos Povos Indígenas do Oiapoque. Tudo para melhor estruturar a representatividade política do movimento indígena no Oiapoque (SANTOS 2016).

2.2 Atividades de subsistência, comércio, religião e festas no Kumarumã

As atividades que são praticadas na aldeia Kumarumã têm uma relação fortemente com a natureza, ou seja, os fenômenos naturais. Cada atividade tem seu tempo para ser realizado conforme os períodos de estações. A roça é uma das atividades realizadas por essa população anualmente.

Mesmo com toda perseguição impingida a esse povo no período colonial, vários costumes persistiram entre si. Uma dessas atividades é o *maiuhi* (mutirão), que é uma tradição presente e viva até hoje na aldeia Kumarumã.

O *maiuhi* acontece em qualquer ocasião e em atividades diversas, como a derrubada, roçagem, coivara, capina e plantio da roça, na fabricação de canoa também e em outras atividades, como na limpeza da aldeia.

O mutirão é um trabalho coletivo feito por uma pessoa ou família que convida as pessoas, parentes ou quem desejar trabalhar para a realização do seu trabalho. O produto mais produzido pelos Galibi-Marworno para a comercialização é a farinha de mandioca brava, ela é uma fonte de renda tanto na aldeia quanto na cidade de Oiapoque e em Saint George, na Guiana Francesa.

Atualmente os alimentos e os produtos industrializados trazidos das cidades, principalmente de Oiapoque, são muito consumidos pelos Galibi-Marworno, assim

como pelos demais povos indígenas dessa região que têm contato intenso de intercâmbio e comércio com as cidades circunvizinhas (MACHADO, 2016). Esse consumo de produtos industrializados está trazendo várias conseqüências para essas populações, principalmente a elevação dos índices de diabéticos, hipertensão, gastrite e outras doenças.

De forma geral o alimento consumido diariamente sem falta pela a maioria das famílias Galibi-Marworno é o peixe com tucupi e a farinha de mandioca.

A farinha também tem um papel fundamental na compra de produtos alimentícios dentro da aldeia. Logo em seguida, como fonte de trabalho dentro da aldeia, vem a fabricação de canoas, usadas diariamente como transporte para dar acesso aos seus trabalhos agrícolas. Os Galibi-Marworno são considerados na região como os melhores fabricantes de embarcações.

A fabricação dessas canoas segue os mesmos passos da construção da roça, ou seja, trabalho coletivo (mutirão) e às vezes individual. Mas hoje em dia sua fabricação não é feita com muita intensidade, e, portanto, a venda de canoas nas relações econômicas externas aos Galibi-Marworno é considerada fraca, pois, como o mercado consumidor procura mais a farinha, esses indígenas se preocupam mais em fabricar esse produto da mandioca, ficando a construção de canoa em segundo plano, feita apenas a partir de encomendas, o que é solicitado principalmente por parentes do lado francês.

Atualmente outra fonte de renda se concentra na confecção de artesanatos, onde a maioria das mulheres confecciona peças para venda na aldeia e na cidade. Assim, pessoas que vêm de fora, na cidade de Oiapoque como no museu Kuahi, Saint George e outros lugares podem ter acesso a uma variedade de colares de sementes variadas, colares de miçangas com grafismos diversos dos Galibi-Marworno, pulseiras, brincos, bolsas, etc.

Na aldeia Kumarumã estão presentes duas religiões, a católica e a evangélica. A religião católica atua na aldeia desde a entrada do CIMI na região, ou seja, depois dos meados do século XX, tendo como figuras centrais dessa entidade o padre Nello Rufaldi e a irmã Rebeca.

O catolicismo trouxe algumas transformações com relação às nossas tradições. A realização do batismo, casamento obrigatório e também a festividade aos santos, onde o nome da aldeia era uma homenagem à sua padroeira, Santa Maria. Em louvor a essa santa, passou-se a festejá-la anualmente. Tal festa virou tradição popular para os Galibi-Marworno. Os festejos acontecem nos dias 4, 5 e 14, 15 de agosto. Mas com a

influência muito forte do evangelismo na aldeia a primeira parte da festa não é mais festejada como antes, os festeiros levantam o mastro nos dias 4 e 5 e esperam a segunda parte da festa para festejá-lo no dia 14 e 15 de agosto.

Com o passar dos anos a religião evangélica chegou à comunidade no ano de 1998, por intermédio do pastor Carlos Guilherme e sua mulher Deisimeri e mais duas colegas. Eles fundaram a primeira igreja evangélica, pertencente à denominação Batista. Passaram-se os anos e em 2014, por uma série de fatores, teve um crescimento muito alto de conversão na aldeia e permanece até hoje.

A festa tradicional mais conhecida entre os povos indígenas do Oiapoque é o Turé. “O Turé é uma festa de agradecimento às pessoas invisíveis que vivem no outro mundo, *karuãna*, pelas curas que elas propiciaram por meio das práticas xamânica. (TURÉ dos povos indígenas do Oiapoque, 2009).

O turé é organizado pelo pajé com as pessoas que fazem parte da dança, e principalmente aquelas que foram curadas pelos *karuãnas*. O pajé é um grande líder, sábio da comunidade. O turé tradicional é feito durante a lua cheia do mês de outubro, mas pode ser realizado em qualquer momento, como em eventos da escola, da comunidade e etc. O *laku* é o local onde as pessoas dançam e bebem durante a festa. O *laku* é cercado com varas, que recebem o nome pirorô, enfeitado com algodão branco. Dentro do turé existem regras. Uma dessas regras é que mulheres menstruadas não podem participar da festa, também não pode entrar no *laku* com cheiro de peixe e nem participar. Caso isso aconteça, ou seja, se ousar em desobedecer às regras do pajé, pode causar algum mal no desobediente.

Os homens se vestem com um pedaço de pano vermelho amarrado na cintura, chamado *kalembê*. Seus enfeites são o *plimaj* – chapéu de pena, *kuhun*, um enfeite utilizado por homens e mulheres e o *butxiê*, que significa flor para os Galibi Marworno.

As mulheres se enfeitam usando o *kuhun*, colares de miçangas e uma saia própria para esse dia. A festa é realizada à noite, à luz da lua cheia, toda com cantos diferentes e com a bebida tradicional fabricada da mandioca, o caxixi, e vai até o amanhecer do dia (TURÉ dos povos indígenas do Oiapoque, 2009, p. 11).

3. A contagem do tempo

A observação do céu sempre esteve na base do conhecimento de todas as sociedades, os fenômenos como o dia e a noite, as fases da Lua e as estações do ano (AFONSO, 2004, p. 48).

Desde o aparecimento da humanidade no mundo cada povo sempre teve uma forma de organizar o seu relacionamento com outros povos de origens e lugares diferentes. Através disso foram surgindo iniciativas e propostas de aproximações entre si, baseadas na relação do homem com a natureza (SILVA, 2006, p. 70).

Os povos indígenas, a partir de suas percepções voltadas para o seu mundo tradicional, conseguem estabelecer uma relação íntima com a natureza, de modo que percebe nesses fenômenos a importância e as razões da relação do homem com a natureza.

Existem centenas de povos distintos no Brasil e mais ainda no mundo, com suas particularidades diferentes, cada povo indígena interpreta o seu mundo da forma como lidar com sua natureza para sua melhor sustentabilidade. Portanto com essa diversidade de povos que tem de forma geral, não poderia haver uniformidade nas suas culturas, tradições, rituais, crenças e entre outros (AFONSO, 2004, p 48).

Os povos indígenas geralmente são frutos e filhos de sua localidade em que vivem as coisas que são de sua visão. Eles conseguem associar na sua memória como se relacionar com a natureza e guardar. Na tradição dos indígenas as plantas, o tempo, o espaço, os animais têm um valor muito significativo e um grande respeito.

“Os Tupi-Guarani, por exemplo, associam as estações do ano e as fases da Lua com o clima, a fauna e a flora da região em que vivem. Para eles, cada elemento da natureza tem um espírito protetor” (*Ibidem*, p. 49).

Segundo a percepção da sociedade não indígena as estratégias usadas para lidar com o tempo e espaço é usar sua própria criatividade de unificar para se obter um padrão geral, com a idéia de criação das horas e generalizar para a sociedade como todo. Já na sociedade indígena é preciso comparar o tempo com as atividades existentes entre eles. A terra é sagrada, as mudanças ocorrem conforme os fenômenos naturais, não de maneira uniforme, surgindo assim uma grande diferença entre os dois lados. Na visão do ocidente a posse da terra, o lucro no tempo da expansão do comércio e industrialização levou em conta a corrida contra o tempo, para eles é a forma apropriada e regularizada de se organizar (SEVERINO FILHO, 2010, p. 49).

Portanto, o tempo passou a ser medido de acordo com o ritmo comercial, onde o principal foco é o lucro. Dessa forma, ele é organizado e manipulado para o desenvolvimento, e o tempo passou a ser um valor de uso.

Assim, a sociedade passou a aceitar para si a forma de utilização do tempo do homem ocidental, e propuseram a invenção de um relógio padrão, não para padronizar mundialmente as horas marcadas nesses relógios, mas demarcar a necessidade de criar um tempo para tudo, tempo de descansar, tempo para trabalhar iniciando o dia na hora certa, tempo de ir ao mercado, tempo de comer, tempo de namorar, tempo de estudar, tempo de produzir, enfim, era necessário deixar para trás a sua forma tradicional de contar o tempo.

Severino Filho (2010) afirma que “o tempo da humanidade seria, agora, o tempo do trabalho da humanidade e quanto menos tempo perdesse mais valor teria esse homem para o novo modelo de sociedade”. Esse tempo passou a ser medido pela humanidade com sua própria lógica e invenção, o que nas palavras de Glezer (1992, p. 3),

“Era um tempo novo, mensurável, orientado, previsível, sobreposto ao tempo eternamente recomeçado e imprevisível do meio natural”. Desse modo, o tempo deixou de ser ferramenta de Deus e passou a ser propriedade do homem ocidental.

No entanto, a racionalização do tempo através da generalização do relógio e do calendário não fez com que os povos indígenas deixassem de lado as suas tradições. Além disso, a sua forma de contar o tempo faz parte de seus patrimônios imateriais no seu conhecimento tradicional. Em muitos casos esses conhecimentos ainda persistem preservados, trazendo para si a uniformidade tradicional, mas cada povo com seu padrão e sua complexidade de conhecimento (SEVERINO FILHO, 2010, p. 58).

Os marcadores de tempo em geral não são encontrados somente pelas populações indígenas, mas sim por outros povos não indígenas também, principalmente as populações que tem um forte contato e relacionamento com a natureza, realizando suas atividades onde a influência da tecnologia não é muito forte.

3.1. A contagem do tempo dos Galibi-Marworno na aldeia Kumarumã

Antigamente os Galibi-Marworno faziam a contagem do tempo muito diferente do dia de hoje, porque cada povo tem sua maneira de contar o tempo que começa do dia, noite, semanas, meses e estações que podem ser representadas ou identificadas através de coisas ou animais que envolvem a natureza (Geraldo Getúlio, 70 anos, Aldeia Kumarumã, 2013).

Irei apresentar a partir de agora as formas de contagem do tempo que muito foram utilizadas ou ainda são pelos Galibi-Marworno na aldeia Kumarumã. Esses conhecimentos foram colecionados e organizados de acordo com os depoimentos de alguns idosos da aldeia, a quem devo imensa gratidão pelos depoimentos e coletas de informações para compor esse trabalho. Alguns desses depoimentos virão com desenhos ou fotografias, como forma de ilustração do que está sendo escrito. Algumas fotos foram de minha própria autoria, já outros desenhos são de outras pessoas, a quem também agradeço por cedê-las para copiar aqui nesse trabalho.

CANTO DOS PÁSSAROS DIA, NOITE E SOL.

O inambu (*pedhi*) é uma ave. Para os antigos Galibi-Marworno ela representava um relógio quando trabalhavam nas suas roças, o primeiro assobio era as 06h00min da manhã, então eles sabiam que aquela era a hora de acordar para trabalhar, seja na roçagem, derrubada, capina, coivara e o plantio das roças ou em outras atividades, esta ave indicava todos os horários do dia, geralmente na ida e na volta para casa dos antigos Galibi.

BORBOLETAS, CIGARRAS, LAGARTAS E SAPOS



Imagem 01 – Borboletas. Desenho: Cabral Narciso

Borboletas (makurákurá-Galibi, papiõ-kheuól) – quando atravessam do leste (levã) a oeste (kuxã) indicam o início do verão e da roçagem das roças, e a volta do oeste a leste avisa o começo do inverno no mês de dezembro a janeiro.

A **cigarra** (siahá-Kheuól)- é um inseto que, segundo o povo Galibi-Marworno, indica ou marca as horas, dá o sinal do verão e a roçagem das roças no mês de julho a agosto e ela para de cantar ou assobiar quando inicia o inverno no mês de dezembro.

Lagarta (akuru-Galibi, sinĩ-kheuól) – não tem um período próprio, tem o ano inteiro faz parte da natureza.

Sapos (xiriku. Galibi e khapo/kheuól) – eles dão sinal que já é o momento do inverno, ou seja, o período da chuva no final do mês de dezembro a começo do janeiro até abril.

Formigas (uará... galibi e fõmi/kheuól) – também ocorre o ano todo, mas quando tem em grande abundância é o período da chuva no tempo em que acontece a capina das roças.

Xasô (kõbá... galibi) – é um tipo de formiga que tem na terra indígena Uaçá. Para os Galibi-Marworno avisa que terá muita chuva e sempre sai do pôr do sol à direção do nascer do sol, isto é, a partir do momento em há o tempo chuvoso, nas roças quando a chuva dá um intervalo saem as saúvas (uará kasisi... galibi) para se alimentarem das manivas e tudo isso tem a ver com o processo da roça.

Riu-riu para os Galibi-Marworno dá o sinal de verão e apóia no trabalho da roçagem e derrubadas roças.



Imagem 02 – Tari-tari. Foto: Edineuza Nunes



Imagem 03 – Tari-tari (macho e a fêmea). Fotos: Edineuza Nunes

Tari-tari – É um animal ou um réptil que, segundo a mitologia Galibi-Marworno é ele quem indica o meio do verão, onde todos os campos alagados estão secos e também acompanha o processo da derrubada das roças. Antigamente eles diziam que este era um ser humano igualmente ao homem, assim como eles derrubavam suas roças ele também derrubava a sua, o seu corpo tem um significado, sua calda tipo uma serra, para os antigos existe um primeiro som que ele faz, então é o momento em que eles cortam as árvores. Já o segundo som que o tari-tari faz é o momento em que as pessoas dão um grito e avisam que árvore está caindo para terra, pois até hoje em algumas famílias ainda permanece este hábito.

Árvores – O povo Galibi-Marworno também conta o tempo através das árvores como quais são as árvores ou palmeiras que marcam o período de inverno e verão. São elas: O açazeiro, o maracujazeiro da mata, a bacabeira, o camapuzeiro e o tucumanzeiro.



Imagem 04 – Açaí no cacho. Fotos: Edineuza Nunes

O açaizeiro (*uasei-kheuól*) – é uma espécie de palmeira que dá suas frutas no período do inverno. Começa no mês de março e vai até o mês de maio, pode ser até junho em lugares distante.



Imagem 05 – Kuzu (maracujá da mata). Foto: Edineuza Nunes

O maracujazeiro da mata (*kuzu-kheuól*) – é um tipo de fruto da natureza que se encontra em lugares distantes, como principalmente nas roças e capoeiras. Inicia o seu processo de crescimento no mês de janeiro em diante e serve como consumo no mês de março. Esse procedimento acontece no inverno.

A bacabeira (*kumu-kheuól*) – é também uma palmeira que extrai suas frutas no final de setembro e vai até o mês de dezembro e isso é feito no período do verão.

Camapú (*batôtô*) – é uma fruta que é retirada naturalmente e é encontrado essencialmente nas roças nos meses de março, abril e maio no inverno. Assim como

essas plantas servem para os povos indígenas, ou seja, é uma maneira que ajuda na contagem do tempo na qual também servem de alimento para alguns animais e aves como o macaco prego, guariba, macaquinho branco e a juruti.

Tucumanzeiro (uahá-kheuól) – é uma das palmeiras que se encontra no mato e também dentro da aldeia. Seu processo de ciclo começa no mês de março a abril.

Cajuzeiro – é uma das árvores que mais dá frutos no verão de outubro.

Em geral, a lua é uma das principais formas de se contar o tempo por horas e verificar o processo das marés. As pessoas mais idosas conseguem identificar as horas através da lua.

Quando a lua está cheia significa que a maré está forte. Além do mais, nesse tempo é necessário fazer a plantação de algumas frutas, como a banana, cará, abacaxi, batata-doce e outras espécies como a cana-de-açúcar e macaxeira.

A lua nova avisa que a maré está baixa. Esse é o momento em que os animais saem em maior abundância de suas tocas, o que facilita a caça para os homens Galibi-Marworno.

FESTAS E CALENDÁRIO TRADICIONAL

O povo Galibi-Marworno teve grandes influências no passar do tempo, há coisas que se modificou muito por diferentes circunstâncias, como por exemplo, o contato que trouxe muitas conseqüências para nós, pois através deste houve modificações nos nossos costumes, línguas, tradição, crença e cultura. O Turé, festa tradicional desse povo indígena foi uma dessas manifestações culturais que foi duramente atingido.

Antes, tradicionalmente o turé era um ritual principal de agradecimento aos seres sobrenaturais ou invisíveis pelas curas que eles propiciam por meio das práticas xamânicas dos pajés para a população Galibi-Marworno, mas hoje afirmo que ele foi substituído por outra, como a festa à padroeira Santa Maria, São Benedito e algumas mais. No entanto, mesmo essas festividades a santos estão ficando em desuso, devido à forte influência da religião evangélica na aldeia, introduzida há algumas décadas. Portanto, antigamente não existiam as festas que hoje estão presentes. Elas foram introduzidas na sociedade que sensivelmente está levando a uma perda cultural sem que muitas vezes a comunidade perceba.

FESTA DO TURÉ- dāsê piai



Imagem 06 – Apresentação do Turé na Feira Cultural da Escola Estadual Indígena Camilo Narciso. Foto: Edineuza Nunes, 2016.

TEMPO DO VERÃO

Todos os povos indígenas possuem seus modos particulares de se organizar e de ocupar o espaço em que vivem, através de calendários próprios, seus modos de viver e de pensar no mundo.

O verão começa no final do mês de maio e início de junho, com o aparecimento das sete estrelas no céu (*Lapusiê*). Mas existe um motivo que ocorre devido às mudanças climáticas que acontecem todos os anos, mesmo assim sabemos pelo começo da facilidade da pesca, como da matança do pirarucu no mês de junho e entre setembro e outubro que as fêmeas fazem os ninhos e botam os ovos. Então, nesse período as lideranças indígenas proibem a matança do tracajá, ajudando a preservar os filhotes que estão em desenvolvimento dentro dos ovos e a diminuição dos recursos naturais para a caça e a pesca na região e geralmente acontece também os procedimentos da roça adotada, começando pela roçagem.

Ovos de Tracajá – Já com o campo seco no verão, no mês de outubro para novembro encontra-se com mais facilidade por toda a região com os ninhos cheio de ovos de diversos tipos, aves e répteis, principalmente de tracajá, jacaré e camaleão. Aves no campo como garça, carará, maguari, arapapá, jaburu e outras aves que constroem seus ninhos no mês de junho e seu ciclo vai até o mês de outubro a novembro. No entanto, desde muito tempo as populações locais conhecem e interagem com esses animais.



Imagem 07 – Tracajá. Foto Edineuza Miranda.



Imagem 08 – Ovos de tracajá. Foto: Edineuza Nunes

TEMPO DO INVERNO

De alguns anos atrás para hoje ocorreram muitas mudanças climáticas na região do Uaçá, onde habita o povo Galibi-Marworno. Antes começava chover no mês de novembro, onde então começa a acontecer a plantação de frutas variadas e espécies, como já foi relatado. O cultivo das roças e também algumas transformações na natureza como a respeito dos peixes que já estão todos cheio de ovos, porém isto já é um sinal de que haverá chuva e conforme foi pesquisado, deste mês em diante marca a volta das borboletas de oeste a leste. No inverno, quando cai muita chuva há grande quantidade de aves nos campos alagados como o pato selvagem, o jaburu, o marreco e cauáuá. Assim sabemos que estamos no mês de janeiro.

Do começo de fevereiro há uma grande escassez de alimento, principalmente peixe, devido o rio estar cheio. Abril é o mês que nos indica o final do inverno, no entanto isso acontecia tempos atrás, já que hoje, com o clima alterado, as atividades são realizadas conforme são percebidos no tempo, juntamente com os meses.

4. Considerações finais

Ao finalizar este trabalho, aponto como necessário entender esse processo de conhecimento tradicional como fundamental para os Galibi-Marworno. Esse entendimento pode propiciar uma nova maneira de olhar para a cultura e valorizá-la, de acordo com a vivência dos indígenas dentro da aldeia. O resgate de alguns conhecimentos e saberes que andam no processo de desuso é um fato principal e preocupante hoje dentro da comunidade indígena de Kumarumã e que tentam trabalhar na maneira possível principalmente dentro da escola que é uma instituição de formação geral de incentivo para as gerações atuais.

A contagem do tempo sempre foi utilizado de forma variada pelos diversos povos humanos. Para se guiar, se proteger, se programar e sobreviver a contagem do tempo sempre significou um conhecido elaborado e adquirido de acordo com a vivência do ser humano e o contato com o meio em que vive. Dessa forma, é necessário que se possa dar atenção especial às formas com que os Galibi-Marworno sempre se relacionaram com a natureza, estimulando um conhecimento que favorecesse laços de interação entre o homem e o meio que vive.

Fontes orais

GETULIO, Geraldo. Entrevista realizada por Edineuza M. Nunes em 16/08/2013 na aldeia kumarumã.

NARCISO, Maria Joventina. Entrevista realizada por Edineuza M. Nunes em 20/08/2013 na aldeia kumarumã.

NARCISO, Maria Luiza. Entrevista realizada por Edineuza M. Nunes em 24/08/2013

NARCISO, Manoel Emiliano. Entrevistada realizada por Edineuza M. Nunes em 11/09/2015

NUNES, Devaldo. Entrevista realizada por Edineuza M. Nunes no ano de 2014.

Fontes bibliográficas

AFONSO, Germano. Mitos e estações no céu Tupi-Guarani. *LeStelle*, Nº 19, pgs. 84 a 86, 2004.

MACHADO, Tadeu Lopes. **Intercâmbio e comércio dos Palikur na cidade de Oiapoque**. Artigo apresentado no Grupo de Trabalho 37 da 30ª Reunião Brasileira de Antropologia da ABA, realizada entre os dias 03 e 06 de agosto de 2016 em João Pessoa/PB.

SANTOS, Ariana dos. **As índias vão à luta**: A trajetória da Associação das Mulheres Indígenas em Mutirão e sua contribuição para o Movimento Indígena do Baixo Oiapoque. Trabalho de conclusão de curso em Licenciatura Intercultural Indígena com ênfase em Ciências Humanas. Oiapoque: Campus Binacional da UNIFAP, 2016.

SEVERINO FILHO, João. Marcadores de tempo indígenas. Dissertação de mestrado apresentada à Universidade do Estado de Mato Grosso no Programa de Pós-Graduação em Ciências Ambientais. Cárceres/MS: 2010.

SILVA, Vanilda Alves da. Noções de Contagens e Medidas Utilizadas pelos Guarani na Reserva Indígena de Campo Grande, MS: UFMS, 2006.

TURÉ dos povos indígenas do Oiapoque. Rio de Janeiro, São Paulo: Museu do Índio, IEPÉ, 2009.

VIDAL, Lux Boelitz. Povos Indigenas do Baixo Oiapoque, 2009.

VIDAL, Lux Boelitz. **Mito, história e cosmologia**: As diferentes versões da guerra dos Palikur contra os Galibi entre os povos indígenas da Bacia do Uaçá, Oiapoque, Amapá. *Revista de Antropologia*, São Paulo, USP, 2001, v. 44, nº 01.

Fontes consultadas na rede de internet

<https://www.isa.org.br>, acessado em julho de 2016.